

"A fé que me alumia é a mesma que me faz dançar[1]!": olhares sobre danças em dois terreiros de Rio Grande/RS

Rodrigo Lemos Soares[2]
Orientador - Universidade Federal Do Rio Grande
Andressa Soares De Ávila[3]
Universidade Federal Do Rio Grande
Danielle Soares Jesus[4]
Universidade Federal Do Rio Grande
Flaviana Custódio Silvino[5]
Universidade Federal Do Rio Grande)
Juliana Carvalho Cabral [6]
Universidade Federal Do Rio Grande
Lucas Pedroso Xavier[7]
Universidade Federal Do Rio Grande
Tamara Lemos Da Rosa[8]
Anhanguera Educacional – Rio Grande

Resumo: O artigo faz alusão às manifestações ritualísticas em Centros Espíritas de Umbanda (CEU) focando nas representações sobre as danças nos cerimoniais dessas vertentes religiosas, aproximando-as das práticas pedagógicas escolarizadas. O estudo se desenvolveu através de pesquisa bibliográfica, da oralidade (com entrevistas semiestruturadas) e diário de campo. Estudar a prática de dança relacionada ao fenômeno da diáspora africana no correr dos séculos, analisando o fenômeno artístico a partir da ideia de manifestação cultural, sem operar com seleções ou recortes na história apresentada pelas culturas religiosas a partir da tradição oral foi movimento significativo para representarmos parte da mitologia desses povos. As danças, como aporte metodológico, mostram-se como um artefato potente, assentando-se nos diferentes espaços, ressignificadas, quando trabalhadas em contextos de interdisciplinaridade.

---

[1] Frase de um entrevistado.

[2]Professor de Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Mestre em Educação em Ciências pelo Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: química da vida e saúde em associação ampla entre FURG - UFRGS - UFSM, na linha de pesquisa: Educação científica: implicações das práticas científicas na constituição dos sujeitos; Especialista em Educação Física Escolar pela Pós-graduação em Educação Física escolar do Instituto de Educação FURG; Aluno/ pesquisador do Observatório de Políticas Públicas da Cultura Corporal (OCUCO FURG) e também, do grupo de pesquisas Sexualidade e Escola (GESE FURG). Mestrando em História pelo Programa de Pós-graduação Profissional em História da FURG, na linha de pesquisa Campos e Linguagens da História.

[3]Graduanda do curso de Pedagogia (noturno) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Bolsista voluntária do Centro Regional de Estudos, Prevenção e Recuperação de Dependentes Químicos (CENPRE – FURG).

[4] Graduada em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Graduanda em Artes Visuais (FURG); Bolsista do Programa do Programa de Iniciação a Docência (PIBID – ARTES – FURG).

[5] Graduanda do curso de Educação Física – licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Bolsista do Projeto de Danças Populares brasileiras pelo Instituto de Educação (IE – FURG).

[6] Graduada em Administração; Graduanda do curso de Educação Física – licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista do Projeto Ginásticas para comunidade pelo Instituto de Educação (IE – FURG).

[7] Graduado em Fisioterapia pela Anhanguera Educacional do Rio Grande; Graduando do curso de Educação Física – licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande; Bolsista do Observatório da Cultura Corporal (OCUCO – FURG).

[8] Graduanda do curso de Psicologia pela Anhanguera Educacional do Rio Grande; Bolsista do setor de Recursos Humanos da Superintendência do Porto do Rio Grande/ RS.

Palavras-chave: Religiosidades; danças; educação física.

Mar, pedreira, mata e cachoeira: situando o terreno...

A diversidade cultural, que demarca o Brasil como um país "multirracial" (FAVERO, 2010), também o configura como um campo de estudos sobre temáticas acerca das multiplicidades comportamentais. Dentre os aspectos culturais herdados dos povos que colonizaram o Brasil, para esse trabalho, o destaque é para as religiões com matriz afro, dentre elas a Umbanda. Deste recorte especificamos as danças, por observarmos que as mesmas envolvem a base tríplice[9] dessa manifestação religiosa. Assim, buscamos perceber como as danças são significadas nessa vertente religiosa, como aparecem nos ritos, a partir dos olhares dxs[10] sujeitxs que compõem os terreiros.

Em vista disso, traçamos, como proposta de pesquisa, um aprofundamento conceitual daquilo que até então entendíamos e conhecíamos apenas pela transmissão oral, comprovando o que diz Favero (2010), quando aponta que, "[...] sociologicamente, as religiões são da ordem da cultura, portanto, conhecimento adquirido, aprendido, transmitido [...]" (FAVERO, 2010, p. 2).

Sendo assim, realizamos uma análise das narrativas produzidas pelxs praticantes da Umbanda acerca das danças nos terreiros, em três centros espíritas, escolhidos, dentre os cadastrados na União Riograndina de Cultos Umbandistas e Afro-Brasileiros Mãe Iemanjá (URUMI/RG), desse município.

Das amarras do navio ao congá: demarcando uma religião...

Definir o que é religião não é tarefa simples, dada à diversidade de crenças e práticas, tempos e espaços vividos ao longo da história. Tal pensamento nos remete à diversidade, acima citada, uma multiplicidade de sistemas de crenças e práticas

[9] Para a Umbanda tem-se também como base tríplice o lema: Fraternidade, Amor e Caridade, este significado, no entanto, pode variar de um centro para outro, pois os lemas são definidos, a partir da nomeação do orixá representante da casa, do terreiro, do centro (esses três nomes são assumidos como substantivos análogos aos CEU.

[10] O uso do caractere X ao final de algumas palavras implica em operarmos com uma desinência de gênero.

religiosas, especialmente em um país como o Brasil, no qual coexistem povos e religiões diferentes. Dissertar sobre os traços das religiões com matriz afro no que diz respeito a sua adoção e implantação no Brasil requer entender que suas diversidades já tinham sido estabelecidas em território africano, antes de serem apresentadas, praticadas e transformadas pelos religiosos brasileiros. Isso, pelo fato dos escravos serem arrancados de diferentes pontos da África, trazidos para terras brasileiras, com a necessidade de se adaptar a nova cultura e modelo social, nos quais não se enquadravam por seu comportamento, idioma, cor e condição de subordinados a classe branca europeia.

Estudos, como o de Oliveira (2009) afirmam que "quando o assunto é religião afro-brasileira, o caráter folclórico ocupa espaço significativo no imaginário popular". Isso se deve ao fato dos mitos e lendas ritualísticos, serem pouco divulgados e difundidos a sociedade. O cotidiano, as propagações das práticas giravam em torno da fofoca, sem que os rituais dos cultos afro fossem difundidos a todos. O silenciamento permitiu que se gerassem receios e estigmas.

Eidt e Junior (2011) a classificam, como resultante do processo de bricolagem entre as manifestações religiosas das culturas ameríndias, a influência da catequese jesuítica, o contato com os cultos de matriz africana mais a influência da doutrina kardecista. No entanto, Ortiz (1999) adverte que a umbanda "é mais do que uma síntese desses elementos históricos [...]" (p.17). Ortiz (1999) expõe que um foco importante não é saber a origem na palavra, mas compreender como um movimento de desagregação.

Amarrando os pontos: fazendo a gira conforme o cântico...

Para produzir essa pesquisa nos apoiamos nos Estudos Culturais (EC), que, segundo Escosteguy (2006), é o "movimento mais recente onde autores contemporâneos almejam uma conexão mais forte entre estudos culturais e intervenção política" (p. 4). Os EC estão comprometidos com análises relacionadas às artes, às crenças, aos discursos contidos nos diferentes tipos de linguagem que perpassam a sociedade, privilegiando aquelas manifestações culturais que vão de

encontro com as concepções tradicionais da cultura. Para Stuart Hall (1996), “os EC se constituíram como um projeto político de oposição, e suas movimentações sempre foram acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis” (p.263).

Dentre as ferramentas para produção de dados utilizamos, visitas ao campo, entrevistas semiestruturadas e revisão bibliográfica, recursos que se mostraram necessários durante o processo investigativo. Observados e respeitados esses pontos, foram quatro visitas e um dia para entrevista para tentar incluir-nos nas práticas das casas, deixando para realizarmos as entrevistas na reta final do trabalho, pois entendemos que só vivenciando o contexto teríamos base para preparar os questionamentos e analisar as narrativas dxs entrevistadxs, seguindo as orientações de Moraes (1999, p.4), ao afirmar que “para entender os significados de um texto é preciso levar o contexto em consideração”.

Para as análises recorremos a Análise de Conteúdo (MORAES, 1999). Segundo o autor, “a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra” (p. 3). Segundo este mesmo autor, o processo de análise das narrativas divide-se em cinco fases: 1 - Preparação das informações; 2 - Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; 3 - Categorização ou classificação das unidades em categorias; 4 - Descrição; 5 - Interpretação. Dessa forma, a partir do recolhimento material, trabalhou-se com “um conjunto de técnicas de análise que, através de uma descrição sistemática, qualitativa, possibilita níveis de compreensão mais profundos sobre o assunto que se pretende investigar” (MORAES, 1999, p. 2).

Os Centros Espíritas de Umbanda, que serviram de lócus desta investigação, são todos de Rio Grande (RS) e ligados à União Riograndina de Cultos Umbandistas e Afro-Brasileiros Mãe Iemanjá, entidade que regulamenta os cultos afros nesta cidade. Assim, além de estarem cadastrados na instituição regulamentadora, a escolha desses centros definiu-se, pelo aceite para participar da pesquisa. Enviamos convites, aos centros que estavam cadastrados há no mínimo dez anos, ao todo 18 convidados. Dados os aceites, partimos ao campo com a intenção de encontrar fatores que pudessem diferenciar as respostas.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com três fiéis do umbandismo: duas Mães de Santo e um Pai de Santo. Sobre estes colaboradores, todos já tiveram algum contato com outra vertente do africanismo e dois destes (Oxum e Xapanã), também seguem outras práticas religiosas que não somente a Umbanda, como a Quimbanda e o Batuque. Quanto ao processo de seleção desses entrevistados, os critérios foram: estar cadastrado na URUMI; tempo de prática e estudo da Umbanda (mínimo de 10 anos); possuir um CEU e permitir um deslocamento "livre" durante os cultos, quando necessário à investigação. Neste trabalho, cada sujeito será indicado por seu orixá centro, ou de cabeça, como é comumente descrito pelos praticantes. São eles: Iansã, Xapanã e Oxum.

"São muitas danças numa gira só...!"

As danças nos foram apresentadas de forma articulada as origens religiosas, considerando a mitologia dxs deusxs africanxs. A arte se faz presente, nos adereços, roupas e movimentos, ou então como Iansã afirma "*tudo aqui é arte, tudo aqui representa um patrimônio nosso, que cabe a nós cuidar, nossas histórias, nossas vidas é o que a gente tem*". A capacidade de representação e materialização de espíritos mostra-se como um elemento fundamental para a criação e compreensão dos movimentos de dança, xs deusxs, ao narrarem suas histórias apontam expectativas sobre corpos e movimentos que foram se manifestando ao longo das entrevistas. Entendemos que existem inúmeras posições de sujeito disponíveis, que se pode ocupar, ou não, de acordo com o contexto ou situação, ou seja, as "posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades" (WOODWARD, 2005, p. 30). Isto é, as danças nunca serão as mesmas.

Além de uma questão de conhecimento, é uma questão de identidade e nesse sentido "destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou uma subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder" (SILVA, 2009, p.16). Adotar uma perspectiva da teoria a partir dos efeitos discursivos significa não ficar preso à definições. Mas mostrar que as manifestações de dança são dependentes da forma como são lidas e apropriadas as movimentações de cada orixá e mitologia que

estx carrega, suas armas e curas. Para Oxum é nos corpos que a cultura se expressa, segundo ela, "*o patrimônio se resguarda e mantém vivo, para além da arquitetura do centro o conjunto corpos é elemento crucial para nossa história manter-se viva e pulsante*".

Apresentamos, a partir das danças, uma possibilidade de inserção nos estudos sobre os povos africanos, suas culturas e histórias, que ajudam a formar a multirracialidade brasileira exposta por Ivie Favero (2010). Para Xapanã, "*esta é a riqueza que nos produz e produzimos ao cultuar as danças e costumes desses povos, esse é o nosso legado, nosso ouro e patrimônio*". E complementamos com Oxum "*coisa linda é ver a roda girar e muitas danças acontecerem ao mesmo tempo, fico arrepiada, emocionada*".

Por enquanto, a gira é para este lado...

A partir dessa proposição, o nosso objetivo geral passa a tomar corpo e ser respondido. A dança, nos centros espíritas pesquisados, possui como prática possível à realização e manutenção através da oralidade e práticas de observação, nas quais o aprendizado perpassa os caminhos da intergeracionalidade e ancestralidade. As danças, a nós apresentadas, remetiam a um cuidado extremo, seja aos detalhes, espaços, ax próximx. Como afirmou Iansã "*amar esse espaço é amar o que sou, para além de tudo que é dito é isso o que somos, diferentes formas de amar a todos*".

Referências

ESCOSTEGUY, A. C. Uma introdução aos estudos culturais. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre. 2006. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf> Acesso em: 24/08/16.

FAVERO, I. *A Religião e as religiões africanas no Brasil.* Texto utilizado no curso Presença Africano nas Matrizes Culturais Brasileiras, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Santos. 2010. Disponível em: <https://www.egov.santos.sp.gov.br/ead/cursos/aplic/index.php?cod_curso=7> Acesso em 22/08/2011.

HALL, S. Estudos culturais e seus legados teóricos. In: MORLEY, D. *Diálogos críticos em estudos culturais.* London; New York: Routledge. 1996.

EIDT, P. e JUNIOR, E. E. S. A Umbanda no Extremo Oeste Catarinense: Olhares Sobre a Religiosidade Regional. *Contexto & Educação*. Editora Unijuí Ano 26 nº 85 Jan./Jun. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/457/266> Acesso em: 15/08/16.

MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação.* Porto Alegre, v. 22, n. 37, pp. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, J. H. M. de. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de umbanda durante o Estado Novo. In: *Revista Eletrônica de Ciências Sociais,* n. 14, Setembro de 2009, pp. 60 – 85. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/n14/3Entre%20a%20macumba%20e%20o%20espiritismo.pdf> Acesso em: 20/08/16.

ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro:* umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, T. T. *Documentos de Identidade*: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e cultural. In: SILVA, T. T.; HALL, S. [Org.]. *Identidade e diferença:* a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes. 2005.